

ARTEMIS

O NOVO ROMANCE DO AUTOR DE **O MARCIANO**
AUTOR BESTSELLER #1 DO NEW YORK TIMES

VENCEDOR
GOODREADS
CHOICE
AWARDS
2017



«Tudo aquilo que poderíamos esperar!
Inteligente, divertido, impossível de pousar.»

ERNEST CLINE,
AUTOR DE READY PLAYER ONE

TOP
SEL
LER

ANDY WEIR

*Para o Michael Collins, o Dick Gordon, o Jack Swigert,
o Stu Roosa, o Al Worden, o Ken Mattingly e o Ron Evans.*

*Porque não é reconhecido, nem de perto nem de longe,
o devido mérito a estes tipos.*

1

Eu pulava sobre o terreno cinzento e poeirento, em direção à enorme cúpula da redoma Conrad. A sua câmara de vácuo, anelada com luzes vermelhas, encontrava-se angustiantemente distante.

É difícil correr carregado com 100 quilos de equipamento — mesmo na gravidade lunar. Mas ficariam espantados com o quão rapidamente nos conseguimos apressar quando temos a vida em risco.

O Bob corria a meu lado. A sua voz chegou-me via rádio:

— Deixa-me ligar as minhas botijas ao teu fato!

— Isso só vai servir para que também morras.

— A fuga é enorme — bufou ele. — Consigo *ver* o gás a sair das tuas botijas.

— Obrigada pelo discurso animador.

— Eu é que sou o comandante das AFV¹ — disse o Bob. — Para imediatamente e deixa-me interconetar-nos!

— Negativo. — Continuei a correr. — Houve um estouro mesmo antes do alerta de fuga. Fadiga do metal. Tem de ser da montagem das válvulas. Se nos interconetares, furarás o teu tubo numa aresta afiada.

— Estou disposto a correr esse risco!

— E eu não estou disposta a permitir-to — respondi. — Confia em mim relativamente a isto, Bob. Eu sei de metais.

Passsei a dar saltos longos e uniformes. Parecia estar em câmara lenta, mas era a melhor forma de me movimentar com todo aquele peso. O ecrã de visualização frontal do meu capacete dizia que a câmara de

¹ Atividades Fora do Veículo. Terminologia da NASA. [N. do T.]

vácuo se encontrava a 52 metros. Olhei de relance para os mostradores do meu braço. A minha reserva de oxigénio caiu a pique enquanto olhava. Portanto, deixei de o fazer.

As passadas largas recompensaram. Agora estava a andar mesmo depressa. Até deixei o Bob para trás, e ele é o comandante de AFV mais competente que há na Lua. O truque é esse: acrescentar mais impulso para a frente sempre que tocamos no chão. Mas isso também significa que cada salto é uma questão complicada. Se fizermos asneira, cairemos de frente e deslizaremos pelo chão. Os fatos de AFV são resistentes, mas é melhor não os raspar contra o rególito.

— Vais demasiado rápido! Se tropeçares podes rachar a viseira!

— É melhor do que sugar vácuo — disse-lhe. — Tenho, talvez, 10 segundos.

— Estou muito atrás de ti — disse ele. — Não esperes por mim.

Só me apercebi do quão rapidamente ia quando as placas triangulares da Conrad me encheram a vista. Estavam a crescer *muito depressa*.

— Merda!

Não tinha tempo para abrandar. Dei um derradeiro salto e acrescentei-lhe uma rotação para a frente. Calculei-a mesmo bem — mais por sorte do que por perícia — e bati com os pés na parede. Está bem, o Bob tinha razão. Eu estivera a andar excessivamente depressa.

Caí no chão, debati-me para me pôr em pé e agarrei-me à manivela da escotilha.

Os meus ouvidos estalaram. Os alarmes retumbaram-me no capacete. A botija estava a dar as últimas — já não conseguia contrabalançar a fuga.

Empurrei, abri a escotilha e caí lá para dentro. Tentei respirar e a minha visão esbateu-se. Pontapeei a escotilha, fechando-a, estiquei-me para a botija de emergência e arranquei-lhe a cavilha.

A parte de cima da botija voou e o ar inundou o compartimento. Saiu muito depressa, metade dele liquefeito em partículas de neveiro, devido ao arrefecimento que advém da rápida expansão. Caí no chão, quase inconsciente.

Arfei dentro do meu fato e reprimi a vontade de vomitar. Aquilo era muitíssimo mais esforço do que aquele para que estou apta. Uma dor de cabeça, devido à privação de oxigénio, ganhou raízes. Ficaria comigo

durante algumas horas, pelo menos. Eu conseguira contrair o mal da montanha na Lua.

O silvo tornou-se num gotejar e depois terminou.

O Bob chegou, finalmente, à escotilha. Vi-o a espreitar lá para dentro, através da pequena janela redonda.

— Ponto da situação? — disse ele pelo rádio.

— Consciente — chiei.

— Consegues pôr-te em pé? Ou é melhor chamar um auxiliar?

O Bob não podia entrar sem me matar — eu encontrava-me deitada na câmara de vácuo, com um fato defeituoso. Mas qualquer das duas mil pessoas que havia na cidade poderia abrir a câmara de vácuo, pelo outro lado, e arrastar-me para lá.

— Não é preciso.

Pus-me de gatas e depois em pé. Apoiei-me contra o painel de controlo e dei início à purga. Jatos de ar de alta pressão embateram-me por todos os lados. A cinzenta poeira lunar redemoinhou na câmara de vácuo e foi puxada para dentro dos ventiladores com filtros ao longo da parede.

Depois da purga, a porta da escotilha interior abriu-se de forma automática.

Passsei para a antecâmara, voltei a fechar a escotilha interior e sentei-me num banco.

O Bob passou pela câmara de vácuo da maneira normal — sem qualquer espetacular botija de emergência (que, a propósito, agora teria de ser substituída). Apenas pelo método normal, das bombas e das válvulas. Depois do seu ciclo de purga, juntou-se-me na antecâmara.

Sem uma palavra, ajudei o Bob a tirar o capacete e as luvas. Nunca se deve obrigar alguém a despir o fato sozinho. Claro que é exequível, mas é uma chatice. Há uma tradição relativamente a estas coisas. Ele retribuiu-me o favor.

— Bem, isto foi horrível — disse, enquanto ele me retirava o capacete.

— Quase morreste. — Ele saiu de dentro do seu fato. — Devias ter dado ouvidos às minhas instruções.

Contorci-me para fora do meu fato e olhei para a parte de trás deste. Apontei para um pedaço de metal dentado, que outrora fora uma válvula.

— Válvula rebentada. Exatamente como eu disse. Fadiga do metal.

Ele espreitou a válvula e acenou com a cabeça.

— Está bem. Tiveste razão em recusar a interconexão. Bom trabalho. Mas, ainda assim, isto não devia ter acontecido. Onde raio arranjaste este fato?

— Comprei-o em segunda mão.

— E porque havias de comprar um fato em segunda mão?

— Porque não tinha dinheiro para um novo. Mal tinha o suficiente para um em segunda mão. E vocês, seus cretinos, não me deixam aderir à corporação enquanto não possuir um fato.

— Devias ter poupado para um novo.

O Bob Lewis é um antigo fuzileiro naval dos Estados Unidos com uma atitude sem tangas. Mais importante do que isso, é o instrutor principal da corporação das AFV. Presta contas ao comandante da corporação, mas é o Bob e só ele que determina a aptidão de alguém para se tornar membro. E se não se é membro não se tem autorização para fazer AFV sozinho nem para guiar grupos de turistas na superfície. É assim que a corporação funciona. Idiotas.

— Então? Que tal me portei?

Ele bufou.

— Estás a brincar comigo? Chumbaste no exame, Jazz. Chumbaste redondamente.

— Porquê?! — perguntei. — Fiz todas as manobras exigidas, realizei todas as tarefas e concluí a pista de obstáculos em menos de 7 minutos. E, quando ocorreu um problema praticamente fatal, evitei pôr em perigo o meu parceiro e regresssei à cidade em segurança.

Ele abriu um cacifo e empilhou as suas luvas e o capacete lá dentro.

— O teu fato é responsabilidade tua. Chumbou. E isso quer dizer que *tu* chumbaste.

— Como é que me podes culpar por aquela fuga?! Estava tudo ótimo quando abalámos!

— Esta profissão é orientada para os resultados. A Lua é uma sacana velha e velhaca. Não quer saber *porque* falha o teu fato. Limita-se a matar-te quando isso acontece. Devias ter inspecionado melhor o teu equipamento.

Ele pendurou o resto do seu fato no cabide personalizado do cacifo.

— Vá lá, Bob!

— Jazz, tu quase morreste ali. Como é que poderia dar-te uma credencial? — Ele fechou o cacifo e começou a ir embora. — Podes voltar a fazer o exame daqui a seis meses.

Bloqueei-lhe o caminho.

— Isso é tão ridículo! Porque é que tenho de pôr a minha vida em espera por causa de uma regra arbitrária da corporação?

— Presta mais atenção à inspeção do equipamento. — Ele contornou-me e saiu da antecâmara. — E paga o preço integral quando mandares arranjar essa fuga.

Observei-o a afastar-se e depois deixei-me cair sobre o banco.

— Foda-se.

Arrastei-me pelo labirinto de corredores de alumínio até à minha casa. Ao menos a caminhada não era longa. Toda a cidade tem apenas meio quilómetro de um lado ao outro.

Vivo em Artemis, a primeira (e, até agora, a única) cidade na Lua. É constituída por cinco enormes esferas chamadas «redomas». São meio subterrâneas, pelo que Artemis se parece, exatamente, com aquilo que os velhos livros de ficção científica diziam que uma cidade lunar deveria parecer: uma data de cúpulas. Só não conseguimos ver as partes que estão debaixo do chão.

A redoma Armstrong encontra-se ao centro, rodeada pela Aldrin, pela Conrad, pela Bean e pela Shepard. Cada uma das redomas está ligada às suas vizinhas através de túneis. Lembro-me de construir uma maquete de Artemis como trabalho de casa, na escola primária. Foi bastante simples: apenas algumas bolas e paus. Levou 10 minutos.

É dispendioso vir até cá e caro como o caraças viver aqui. Mas uma cidade não pode ser só turistas ricos e multimilionários excêntricos. Também precisa de pessoas da classe operária. Não esperam que o J. Valemuito Sacanarico III limpe a sua própria sanita, pois não?

Faço parte da arraia-miúda.

Vivo em Conrad Down 15, uma zona duvidosa, 15 andares abaixo do solo, na redoma Conrad. Se o meu bairro fosse vinho, os enófilos descreveriam-no como «merdoso, com notas de fracasso e de más opções de vida».

Segui ao longo do corredor de portas quadradas, pouco espaçadas entre si, até chegar à minha própria porta. O meu, pelo menos, era um

beliche «inferior». Era mais fácil entrar e sair de lá. Acenei a minha geringonça diante da fechadura e a porta abriu-se com um clique. Gatinhei lá para dentro e fechei-a atrás de mim.

Deitei-me no beliche e olhei para o teto — que se achava a menos de um metro da minha cara.

Tecnicamente é um «domicílio capsular», mas toda a gente lhes chama caixões. É nem mais nem menos que um beliche confinado, com uma porta que posso trancar. Só há um uso para um caixão: dormir. Bem, está certo, há outro uso (que também implica estarmos na horizontal), mas vocês percebem o que quero dizer.

Tenho uma cama e uma estante. E é tudo. Há uma casa de banho comunitária ao fundo do corredor e chuveiros públicos a alguns quarteirões de distância. Nos tempos mais próximos, o meu caixão não vai aparecer na revista *Melhores Casas e Paisagens Lunares*, mas é tudo quanto consigo pagar.

Verifiquei as horas na minha geringonça.

— Meeeerda.

Não tinha tempo para matutar. O cargueiro da CEQ ia alunar naquela tarde e eu tinha trabalho a fazer.

Para ser clara: para nós, o Sol não define a «tarde». Só temos um «meio-dia» a cada 28 dias terrenos e, seja como for, não conseguimos vê-lo. Cada redoma tem dois cascos de seis centímetros de espessura, com um metro de pedra esmagada entre eles. Poderíamos disparar um morteiro contra a cidade que, ainda assim, ela não sofreria uma rutura. Sem dúvida que a luz solar não consegue entrar.

Então, o que usamos para saber as horas do dia? A hora do Quênia. Era de tarde em Nairobi, pelo que era de tarde em Artemis.

Eu estava suada enojada, devido à minha quase mortífera AFV. Não tinha tempo para tomar duche, mas pelo menos podia mudar de roupa. Deitei-me ao comprido, despi o meu fato refrigerado para AFV e enfiei o fato-macaco azul. Apertei o cinto e depois sentei-me de pernas cruzadas e fiz um rabo de cavalo. Então, agarrei na minha geringonça e saí.

Não temos ruas em Artemis, temos corredores. Custa muito dinheiro construir imóveis na Lua e não há dúvida de que não vão desperdiçá-lo em estradas. Caso desejemos, podemos ter um carrinho ou uma lambreta elétricos, mas os corredores foram concebidos para o tráfego

pedonal. Só há um sexto da gravidade da Terra, pelo que caminhar não requer muita energia.

Quanto mais merdoso o bairro, mais estreitos os corredores. Os corredores de Conrad Down são, indubitavelmente, claustrofóbicos. Só têm largura suficiente para duas pessoas passarem uma pela outra se se virarem de lado.

Atravessei os corredores em direção ao centro de Down 15. Nenhum dos elevadores ficava perto, pelo que subi as escadas, três degraus de cada vez. As escadarias, no centro, são como as da Terra — pequenos degrauzinhos de 21 centímetros. Isso deixa os turistas mais confortáveis. Nas áreas que não recebem turistas, os degraus têm meio metro cada um. Eis a gravidade lunar para vosso entendimento. Seja como for, pulei pelas escadas para turistas, até chegar ao nível do solo. Subir 15 andares de escadaria provavelmente parece horrível, mas aqui não é assim um grande feito. Nem sequer estava ofegante.

O nível do solo é onde entram todos os túneis que ligam a outras redomas. Naturalmente, todas as lojas, boutiques e outras armadilhas para turistas querem situar-se lá, para tirarem partido do tráfego pedonal. Na Conrad, isso significava sobretudo restaurantes que vendiam gosma a turistas sem dinheiro para comprar comida a sério.

Uma pequena multidão afunilava-se para dentro do conetor Aldrin. É a única maneira de ir da Conrad para a Aldrin (a não ser dando a volta toda pela Armstrong), pelo que é uma avenida principal. Ao entrar, passei pela enorme porta-tampão circular. Se o túnel tivesse uma rutura, a fuga de ar vinda da Conrad forçaria aquela porta a fechar-se. Toda a gente que estivesse na Conrad seria salva. Se, na ocasião, uma pessoa estivesse no túnel... bem, seria péssimo ser essa pessoa.

— Olha, se não é a Jazz Bashara! — disse um cretino nas proximidades. Agia como se fôssemos amigos. Não éramos amigos.

— Dale — disse eu.

Continuei a caminhar.

Ele apressou-se para me apanhar.

— Deve haver uma nave de carga a chegar. Só isso é que faz com que uma preguiçosa como tu vista o uniforme.

— Ei, lembras-te daquela vez em que dei importância ao que diseste? Ah, espera, erro meu. Isso nunca aconteceu.

— Ouvi dizer que hoje chumbaste no exame de AFV. — Ele soltou uma interjeição de desdém, com um desapontamento fingido. — Que azar. Eu passei à primeira tentativa, mas nem toda a gente pode ser como eu, não é?

— Vai-te foder.

— Sim, tenho de te dizer, os turistas pagam *bom dinheiro* para ir lá fora. Caraças, neste preciso momento encaminho-me para o Centro de Visitas, para fazer umas voltas guiadas. Vou ganhar uma pipa de massa.

— Não te esqueças de saltar em cima de umas rochas mesmo afiadas, enquanto estás lá fora.

— Nã... — disse ele. — As pessoas que *passaram* no exame sabem que não devem fazer isso.

— Foi só para o gozo — disse, displicentemente. — Não é como se o trabalho em AFV fosse um emprego a sério.

— Sim, tens razão. Um dia espero ser moça de recados, como tu.

— Carregadora — resmunguei. — O termo é «carregadora».

Ele sorriu afetadamente, de um modo digno de soco. Felizmente tínhamos chegado à redoma Aldrin. Empurrei-o com o ombro, ao passar por ele e sair do conetor. A porta-tampão da Aldrin permanecia vigilante, tal como a da Conrad. Apressei-me em diante e virei logo à direita, só para sair do campo de visão do Dale.

A Aldrin é o oposto da Conrad, em todos os sentidos. A Conrad está cheia de canalizadores, vidreiros, metalúrgicos, oficinas de soldadura, oficinas mecânicas e por aí fora. Mas a Aldrin é, verdadeiramente, uma estância turística. Tem hotéis, casinos, casas de putas, teatros e até um parque mesmo a sério, com relva verdadeira. Turistas ricos, de toda a Terra, vêm fazer estadas de duas semanas.

Passei pela Galeria. Não era o caminho mais direto para onde eu ia, mas gostava da vista.

Nova Iorque tem a 5.^a Avenida, Londres a Bond Street e Artemis tem a Galeria. As lojas não se preocupam em marcar os preços. Se uma pessoa tem de perguntar é porque não tem dinheiro para pagar. O Ritz-Carlton Artemis ocupa um quarteirão todo e estende-se ao longo de cinco andares para cima e outros cinco para baixo. Uma só noite custa 12 000 *gas* — mais do que eu ganho num mês como carregadora (embora tenha outras fontes de rendimento).

Apesar dos custos de umas férias lunares, a procura excede sempre a oferta. Com o financiamento adequado, os terráqueos de classe média podem dar-se a esse luxo como a experiência de uma vida. Ficam em hotéis mais merdosos, em redomas mais merdosas, como a Conrad. Mas as pessoas abastadas fazem viagens anuais e ficam em hotéis agradáveis. E, valha-me Deus, as compras que elas fazem...

Mais do que por qualquer outro sítio, é pela Aldrin que o dinheiro entra em Artemis.

Nada havia no bairro comercial que pudesse comprar. Mas um dia teria o suficiente para fazer parte daquele sítio. Em todo o caso, era esse o meu plano. Dei mais uma olhadela demorada e depois virei costas e dirigi-me ao Porto de Entrada.

A Aldrin é a redoma mais próxima da zona de alunagem. Não se ia querer que as pessoas ricas se sujasse ao atravessarem zonas empobrecidas, certo? Levamo-las, diretamente, para a parte bonita.

Caminhei ao longo da vasta arcada que conduz ao porto. O enorme complexo da câmara de vácuo é o segundo maior compartimento da cidade (só o Parque Aldrin é maior). A divisão fervilhava de atividade. Abri caminho por entre trabalhadores que, eficientemente, deslizavam para trás e para a frente. Na cidade temos de caminhar lentamente ou derrubaremos os turistas. Mas o porto é só para profissionais. Todos conhecemos o «passo largo de Artemis» e conseguimos ganhar um bom impulso para diante.

No lado norte do porto, alguns viajantes habituais esperavam perto da câmara de vácuo do comboio. A maior parte dirigia-se aos reatores da cidade e à fundição da Alumínios Sanchez, um quilómetro a sul da povoação. A fundição usa quantidades loucas de calor e produtos químicos extremamente nefastos, pelo que toda a gente concorda que devia estar longe. Quanto aos reatores... bem... são reatores nucleares. Também gostamos de tê-los longe.

O Dale deslizou para a plataforma dos comboios. Iria para o Centro de Visitas da Apollo 11. Os turistas adoram-no. A viagem de comboio, de meia hora, proporciona vistas deslumbrantes da superfície da Lua e o Centro de Visitas é um ótimo sítio para olhar para o local de alunagem sem se perder a pressão. E, para aqueles que querem aventurar-se no exterior, para verem melhor, o Dale e outros comandantes de AFV estão prontos para lhes proporcionar uma visita guiada.

Mesmo à frente da câmara de vácuo do comboio havia uma enorme bandeira queniana. Por debaixo dela encontravam-se as palavras «Está agora a embarcar na Plataforma Offshore Queniana Artemis. Esta plataforma é propriedade da Companhia Espacial do Quénia. Aplicam-se as leis marítimas internacionais».

Fulminei o Dale com os olhos. Ele não reparou. Porra, desperdicei um olhar feroz e irritado de ótima qualidade.

Consultei o horário da zona de alunagem na minha geringonça. Hoje não havia nave de carne (é assim que chamamos às naves de passageiros). Só chegam cerca de uma vez por semana. A próxima seria dali a três dias. Graças a Deus. Nada há de mais aborrecido do que meninos cheios de dinheiro dos papás à procura de «pachachas da Lua».

Dirigi-me ao lado sul, onde a câmara de vácuo das cargas se encontrava a postos. Tinha capacidade para 10 mil metros cúbicos de carga num só ciclo, mas trazê-la para dentro era um processo lento. A cápsula tinha chegado horas antes. Os comandantes de AFV tinham trazido toda a cápsula para dentro da câmara de vácuo e aplicaram-lhe a purga de ar de alta pressão.

Nós fazemos tudo o que podemos para evitar que a poeira lunar entre na cidade. Caraças, nem eu deixara de fazer a purga depois da minha aventura com a válvula defeituosa, anteriormente, naquele dia. Porque haveríamos de passar por todo esse incómodo? Porque é *extremamente* mau respirar a poeira lunar. Esta é composta por rochas mesmo minúsculas e não houve condições meteorológicas para alisá-las. Cada cisco é um pesadelo pontiagudo e farpado, que está apenas à espera de nos rasgar os pulmões. Mais vale fumarmos um maço de cigarros de amianto do que respirarmos aquela merda.

Quando cheguei à câmara de vácuo das cargas, a gigantesca porta interior encontrava-se aberta e a cápsula estava a ser descarregada. Deslizei até ao pé do Nakoshi, o chefe dos estivadores. Ele estava sentado à sua mesa de inspeções e examinava o conteúdo de uma caixa de transporte. Convencido de que esta não continha contrabando, fechou-a e carimbou-a com o símbolo de Artemis — um A maiúsculo com o lado direito estilizado, de modo a parecer um arco e uma flecha.

— Bom dia, Sr. Nakoshi — disse eu, alegremente.

Ele e o papá tinham sido amigos desde que eu era uma menina. Para mim ele era da família, como um tio querido.

— Vai para a fila com os outros carregadores, minha merdosa.

Pronto, era mais como um primo afastado.

— Vá lá, Sr. N. — disse-lhe com falinhas mansas. — Há semanas que estou à espera deste carregamento. Falámos acerca disto.

— Transferiste o pagamento?

— Carimbou a encomenda?

Ele manteve o contacto visual e meteu a mão debaixo da mesa. Tirou de lá uma caixa ainda selada e empurrou-a na minha direção.

— Não vejo um carimbo — disse-lhe. — Temos de fazer sempre as coisas desta maneira, caraças? Nós costumávamos ser tão próximos. O que foi que se passou?

— Tu cresceste e tornaste-te uma chata desleal. — Ele coloca a sua geringonça em cima da caixa. — E tinhas tanto potencial... Desperdiçaste-o. São 3000 *gas*.

— Quer dizer 2500, certo? Como combinámos?

Ele abanou a cabeça.

— Não, 3000. O Rudy tem andado por aqui a farejar. Um risco maior significa um maior pagamento.

— Isso parece-me mais um problema do Nakoshi do que da Jazz — afirmei. — Acordámos que eram 2500.

— Hum — disse ele. — Nesse caso, talvez lhe deva fazer uma inspeção pormenorizada. Para ver se há alguma coisa aqui dentro que não devesse cá estar...

Franzi os lábios. Aquela não era a altura para fazer finca-pé. Ativei o programa bancário da minha geringonça e dei início à transferência. As geringonças fizeram a mesma magia, qualquer que seja, que os computadores fazem para se identificarem uns aos outros e se verificarem.

O Nakoshi pegou na sua geringonça, consultou a página de confirmação e acenou com a cabeça, em aprovação. E carimbou a caixa.

— Afinal de contas, o que está aí dentro?

— Pornografia, basicamente. Protagonizada pela sua mãe.

Ele bufou e continuou com as inspeções.

E é assim que se faz entrar contrabando em Artemis. Na verdade, é bastante simples. Só é preciso um funcionário corrupto que conheçamos desde quando tínhamos 6 anos. Trazer o contrabando para Artemis... bem, isso é outra história. Mais tarde voltarei a ela.

Eu podia ter levantado mais um monte de embalagens para distribuir por aqui, mas esta era especial. Fui até ao meu carrinho e saltei para o lugar do condutor. Em rigor, não precisava do carrinho — Artemis não foi concebida para veículos —, mas ele fazia com que me movimentasse mais depressa e, desse modo, podia entregar mais coisas. Dado que sou paga à peça, valia a pena o investimento. O meu carrinho é chato de controlar, mas é bom para carregar coisas pesadas. Portanto, decidi que era masculino. Chamei-lhe *Trigger*.

Pagava uma taxa mensal para guardar o *Trigger* no porto. Em que outro sítio poderia mantê-lo? Tenho menos espaço em casa do que um presidiário típico na Terra.

Liguei a ignição do *Trigger* — não tem chave nem nada, somente um botão. Porque haveria alguém de roubar um carrinho? O que fariam com ele? Vendê-lo? Nunca escapariam incólumes. Artemis é uma cidade pequena. Ninguém rouba merda nenhuma. Pronto, está bem, há alguns furtos em lojas. Mas ninguém rouba carrinhos.

Guiei para fora do porto.

Serpentei com o *Trigger* ao longo dos opulentos passadiços da redoma Shepard. Eram bastante diferentes do meu bairro de quinta categoria. Os corredores da Shepard apresentam painéis de madeira e alcatifas de bom gosto, que absorvem o ruído. Há candelabros pendurados a cada 20 metros, para fornecerem iluminação. Esses, pelo menos, não são estupidamente caros. Na Lua temos imenso silício, pelo que o vidro é feito localmente. Mas, ainda assim, isto é que era ostentação.

Se acham que *fazer férias* na Lua é caro não vão querer saber quanto custa viver na redoma Shepard. A Aldrin é só estâncias turísticas e hotéis excessivamente caros, mas a Shepard é onde vivem os artemisenses abastados.

Eu dirigia-me à propriedade de um dos cabrões mais ricos da cidade: o Trond Landvik. Ele fizera fortuna na indústria de telecomunicações norueguesa. A sua casa ocupava grande parte do piso térreo da Shepard — estupidamente enorme, tendo em conta que era só ele, a sua filha e uma empregada interna. Mas seja, o dinheiro era dele. Se queria ter uma grande casa na Lua, quem era eu para julgá-lo? Limitava-me a levar-lhe merdas ilegais, como solicitado.

Estacionei o *Trigger* junto à entrada da propriedade (enfim, uma das entradas) e toquei à campainha. A porta abriu-se, deslizando, e revelou uma corpulenta mulher russa. A Irina estava com os Landvik desde o início dos tempos.

Ela olhou fixamente para mim, sem dizer palavra.

— Entrega — disse eu, finalmente.

A Irina e eu tínhamos interagido um milhão de vezes no passado, mas ela obrigava-me a dizer ao que vinha sempre que eu chegava à porta.

Ela bufou, virou-se e caminhou lá para dentro. Foi esse o meu convite para entrar.

Fiz caras sarcásticas nas suas costas, enquanto me guiava ao longo do *foyer* da mansão. Ela apontou para o fundo do corredor e caminhou na direção oposta sem dizer palavra.

— É sempre um prazer, Irina! — gritei-lhe, enquanto ela se afastava.

Passando a arcada, descobri o Trond reclinado num sofá, vestido com um fato de treino e um roupão de banho. Tagarelava com um homem asiático que eu nunca vira.

— Seja como for, o potencial para fazer dinheiro é... — ele viu-me entrar e exibiu um sorriso aberto. — Jazz! É sempre um prazer ver-te!

O convidado do Trond tinha uma caixa aberta ao pé de si. Sorriu educadamente e fechou-a com atrapalhão. Claro que isso se limitou a deixar-me curiosa, ao passo que, normalmente, ter-me-ia estado nas tintas.

— Também é bom vê-lo — respondi.

Pousei o contrabando no sofá.

O Trond fez um gesto na direção do convidado.

— Este é o Jin Chu, de Hong Kong. Jin, esta é a Jazz Bashara, uma rapariga de cá. Cresceu aqui mesmo, na Lua.

O Jin fez uma vénia rápida com a cabeça e, depois, falou com uma pronúncia americana.

— Prazer em conhecer-te, Jazz.

Aquilo apanhou-me desprevenida e suponho que isso tenha sido notório.

O Trond riu-se.

— Sim, aqui o Jin é um produto de escolas privadas americanas de grande categoria. Hong Kong, pá. É um sítio mágico.

— Mas não tão mágico quanto Artemis! — lançou o Jin. — Esta é a minha primeira visita à Lua. Pareço um miúdo numa loja de guloseimas! Sempre fui fã de ficção científica. Cresci a ver *O Caminho das Estrelas*. Agora tenho oportunidade de vivê-lo!

— *O Caminho das Estrelas*? — exclamou o Trond. — A sério? Isso tem para aí cem anos.

— Qualidade é qualidade — disse o Jin. — A idade é irrelevante. Ninguém se irrita com os fãs de Shakespeare.

— Está bem visto. Mas aqui não há nenhuma boazona extraterrestres para seduzirmos. Não podes ser *exatamente* o capitão Kirk.

— Na verdade — e o Jin Chu ergueu um dedo —, o Kirk só teve sexo com três mulheres extraterrestres em toda a série original. E é esse número assumindo que tenha dormido com a Helena de Troia², o que ficou implícito mas nunca foi clarificado. Portanto, é possível que sejam só duas.

O Trond fez uma vénia em súplica.

— Nunca mais te contestarei quanto a algo que se relacione com *O Caminho das Estrelas*. Vais ao local da *Apollo 11* enquanto cá estás?

— Sem dúvida — afirmou o Jin. — Ouvi dizer que há visitas guiadas com AFV. Achas que devo ir numa?

Intervim.

— Nã.... Há um perímetro de exclusão à volta de todo o local. O Pavilhão de Visionamento, no Centro de Visitas, coloca-o à mesma distância.

— Ah, compreendo. Então, suponho que não faça sentido.

Chupa, Dale.

— Alguém quer chá ou café? — ofereceu o Trond.

— Sim, por favor — aceitou o Jin. — Café simples, se tiveres.

Deixei-me cair sobre uma cadeira próxima.

— Para mim, chá preto.

O Trond saltou por cima das costas do sofá (não é tão excitante quanto parece — lembrem-se da gravidade daqui), deslizou até ao aparador e pegou num cesto de vime.

² Personagem que dá o título ao décimo terceiro episódio da terceira temporada da série original. [N. do T.]

— Acabei de receber um café turco de luxo. Vais adorar. — Esticou o pescoço na minha direção. — Jazz, também és capaz de gostar.

— O café é, simplesmente, uma espécie de chá mau — declarei. — Chá preto é a única bebida quente que vale a pena beber.

— Vocês, os sauditas, adoram mesmo chá preto — disse o Trond.

Sim, *tecnicamente* sou cidadã da Arábia Saudita. Mas não vou lá desde que tinha 6 anos. Interiorizei algumas atitudes e crenças do meu pai, mas, hoje em dia, não me adaptaria a qualquer lugar da Terra. Sou uma artemisense.

O Trond começou a tratar das nossas bebidas.

— Falem os dois, só demoro um minuto.

Porque é que não mandava a Irina fazer aquilo? Não faço ideia. Sinceramente, não sabia para que raio é que ela servia.

O Jin pousou um braço sobre a caixa-mistério.

— Ouvi dizer que Artemis é popular como destino romântico. Há muitos recém-casados aqui?

— Nem por isso — disse-lhe. — Não têm dinheiro para tal. Mas, na verdade, recebemos casais mais velhos, que estão a tentar apimentar a sua vida sexual.

Ele parecia confuso.

— A gravidade — expliquei. — O sexo é totalmente diferente com um sexto da gravidade. É ótimo para quem está casado há muito tempo. Têm oportunidade de redescobrir o sexo juntos. É como se fosse uma novidade.

— Nunca tinha pensado nisso — disse o Jin.

— Há imensas prostitutas na Aldrin, caso queira averiguar mais.

— Oh! Hum, não. Isso não é, de todo, a minha praia.

Ele não esperaria que uma mulher lhe recomendasse putas. Os terrá-queos tendem a ser conservadores quanto a esse assunto e nunca compreendi porquê. É um serviço efetuado mediante um pagamento. Qual é o problema?

Encolhi os ombros.

— Se mudar de ideias, custam cerca de 2000 *gas*.

— Isso não vai acontecer. — Ele riu nervosamente e mudou de assunto. — Então... porque é que o dinheiro artemisense se chama *gas*?

Coloquei os pés sobre a mesa de centro.

— É a abreviatura de gramas alunados com suavidade. G-A-S. *Gas*. Um *gas* paga a entrega de um grama de carga da Terra em Artemis, cortesia da CEQ.

— Tecnicamente, não é uma unidade monetária — disse o Trond, do aparador. — Nós não somos um país; não podemos ter uma unidade monetária. Os *gas* são um serviço de crédito pré-comprado da CEQ. Paga-se em dólares, euros, ienes, seja o que for, e em troca recebe-se uma grande dotação de envios para Artemis. Não temos de usá-la toda ao mesmo tempo, pelo que eles monitorizam o nosso saldo. — Ele levou o tabuleiro até à mesa de centro. — Acabou por ser uma unidade de troca conveniente. Portanto, a CEQ está a funcionar como um banco. Na Terra nunca se conseguiria levar isto avante, mas isto não é a Terra.

O Jin esticou-se para a frente, a fim de pegar no seu café. Ao fazê-lo, pude olhar para a caixa. Era branca com um texto a negro acentuado, que dizia AMOSTRA FOAZ — APENAS PARA PESSOAL AUTORIZADO.

— Portanto, este sofá onde estou é uma importação da Terra, certo? — disse o Jin. — Quanto custou trazê-lo para cá?

— Esse pesa 43 kg — declarou o Trond. — Portanto, o envio custou 43 000 *gas*.

— Quanto é que ganha uma pessoa em média? — perguntou o Jin. — Isto é, se não for indiscrição da minha parte.

Peguei no meu chá e deixei que o calor da chávena se infiltrasse nas minhas mãos.

— Eu, como carregadora, ganho 12 000 por mês. É um trabalho mal remunerado.

O Jin sorveu o seu café e fez uma careta. Já a vira antes. Os terráqueos detestam o nosso café. A física determina que saiba mal como a merda.

O ar da Terra tem 20% de oxigénio. O resto são coisas de que o corpo humano não precisa, como nitrogénio e argon. Ora, o ar de Artemis é oxigénio puro, com 20% da pressão atmosférica da Terra. Isso dá-nos a quantidade certa de oxigénio, reduzindo a pressão, ao mesmo tempo que minimiza a pressão nos cascos. O conceito não é novo — já vem do tempo das *Apollo*. O que acontece é que quanto mais baixa for a pressão, mais baixo é o ponto de ebulição da água. A água ferve a 61 °C, portanto essa é a temperatura máxima que o chá ou o café atingem. Ao que parece, isso é deploravelmente frio para as pessoas que não estão habituadas.

Discretamente, o Jin voltou a pousar a chávena na mesa. Não voltaria a pegar nela.

— O que o traz a Artemis? — perguntei-lhe.

Ele tamborilou com os dedos na caixa FOAZ.

— Há meses que andamos a trabalhar num negócio. Finalmente vamos fechá-lo, pelo que queria conhecer o Sr. Landvik pessoalmente.

O Trond sentou-se no seu sofá e pegou na caixa de contrabando.

— Já te disse, trata-me por Trond.

— Muito bem, Trond — disse o Jin.

O Trond rasgou o embrulho da embalagem e tirou de lá uma caixa de madeira escura. Ergueu-a na direção da luz e olhou para ela sob diversos ângulos. Eu não sou lá muito esteta, mas até eu me apercebia de que era um belo objeto. Entalhes intrincados cobriam todas as superfícies e tinha um rótulo de bom gosto escrito em castelhano.

— O que vem a ser isso? — perguntou o Jin.

O Trond exibiu um sorriso forçado e presunçoso e abriu a caixa. Lá dentro, repousavam 24 charutos, cada qual com o seu invólucro de papel.

— Charutos dominicanos. As pessoas pensam que os cubanos são os melhores, mas não têm razão. Os dominicanos é que são.

Eu contrabandeava uma caixa daquelas coisas para ele todos os meses. É impossível não se gostar de um cliente regular.

Ele apontou para a porta.

— Jazz, importas-te de fechar isso?

Dirigi-me à porta. Uma escotilha rigorosamente funcional escondia-se por trás dos painéis de parede escolhidos com gosto. Fechei-a e girei a manivela para trancá-la. As escotilhas são bastante comuns em casas de luxo. Caso a redoma perca pressão, pode-se selar a casa e não morrer. Algumas pessoas são suficientemente paranoicas para selarem os seus quartos à noite, pelo sim, pelo não. É um desperdício de dinheiro, se querem saber a minha opinião. Nunca houve uma perda de pressão na história de Artemis.

— Eu tenho aqui um sistema especial de filtragem de ar — disse o Trond. — O fumo nunca sai desta divisão.

Desembrulhou um charuto, arrancou-lhe a ponta à dentada e cuspiu-a para um cinzeiro. Depois, colocou o charuto na boca e acendeu-o com um isqueiro de ouro. Deu várias baforadas e suspirou.

— Bom material... bom material.

Estendeu a caixa ao Jin, que, educadamente, recusou com um aceno. Depois ofereceu-ma a mim.

— Claro. — Agarrei num e enfiei-o no bolso do peito. — Fumá-lo-ei depois do almoço.

Isso era mentira. Mas porque haveria de recusar algo assim? Provavelmente, dar-me-iam 100 *gas* por ele.

O Jin franziu o sobrolho.

— Desculpem, mas... os charutos são contrabando?

— Na verdade, é ridículo — disse o Trond. — Eu tenho uma divisão estanque! O meu fumo não incomoda ninguém! É uma injustiça, é o que te digo!

— Oh, você é cá um tangas. — Virei-me para o Jin. — É o fogo. Um incêndio em Artemis seria um pesadelo, porque não poderíamos ir lá para fora. Os materiais inflamáveis são ilegais, a menos que haja mesmo uma boa razão para eles. A última coisa que queremos é uma data de idiotas a passearem por aqui com isqueiros.

— Bem... suponho que tenhas razão.

O Trond brincou com o seu isqueiro. Eu contrabandeara-lho cá para dentro, havia anos. De tantos em tantos meses precisava de gás novo. Mais dinheiro para mim.

Bebi outro gole de chá quente e saquei da minha geringonça.

— Trond?

— Certo, claro. — Ele sacou da sua própria geringonça e encostou-a à minha. — Continua a ser 4000 *gas*?

— Sim. Mas devo avisá-lo de que, da próxima vez, terei de aumentar para 4500. Recentemente, as coisas tornaram-se mais caras para mim.

— Não tem problema — disse ele.

Escreveu na máquina enquanto eu aguardava. Passado um momento, o comprovativo da transferência apareceu no meu ecrã. Aceitei-o e a transação ficou completa.

— Está tudo em ordem — disse-lhe. Virei-me para o Jin. — Prazer em conhecê-lo, Sr. Jin. Divirta-se enquanto estiver por cá.

— Obrigado, fá-lo-ei!

— Diverte-te, Jazz — e o Trond sorriu.

Deixei os dois homens para trás, para que fizessem o que quer que estivessem a fazer. Não sabia o que era, mas sem dúvida alguma não era transparente. O Trond fazia todo o tipo de merdas duvidosas — era por isso que eu gostava dele. Se ele tinha trazido um gajo até à Lua, estava a passar-se algo muito mais interessante do que «um negócio».

Dobrei a esquina e saí pelo *foyer*. A Irina olhou-me maldosamente enquanto eu vinha embora. Franzi-lhe o nariz. Ela fechou a porta atrás de mim, sem me dizer adeus.

Estava prestes a entrar para o *Trigger* quando a minha geringonça apitou. Tinha acabado de aparecer um trabalho para carregadores. Eu tinha antiguidade e proximidade, pelo que o sistema ofereceu-mo primeiro.

«LOCAL DE LEVANTAMENTO: AG-5250. MASSA: ~100KG. LOCAL DE ENTREGA: NÃO ESPECIFICADO. PAGAMENTO: 452 ğ.»

Uau, 452 *gasinhos*. Mais ou menos um décimo do que acabara de ganhar com uma caixa de charutos.

Aceitei. Fosse como fosse, tinha de ganhar dinheiro.

Caro Kelvin Otieno,

Olá. O meu nome é Jasmine Bashara. As pessoas chamam-me Jazz e tenho 9 anos. Vivo em Artemis.

A Sra. Teller é a minha professora. É uma boa professora, muito embora me tenha tirado a minha geringonça quando brinquei com ela durante a aula. Mandou-nos, como trabalho de casa, enviarmos e-mails a crianças do complexo da CEQ, no Quénia. Atribuiu-me o teu endereço. Falas inglês? Eu também sei falar árabe. O que é que falam no Quénia?

Eu gosto de programas de televisão americanos e a minha comida preferida é gelado de gengibre. Mas normalmente como gosma. Quero comprar um cão, mas não temos dinheiro para isso. Ovi dizer que, na Terra, as pessoas pobres podem ter cães. É verdade? Tu tens um cão? Se tiveres, por favor fala-me acerca dele.

O Quénia tem um rei?

O meu pai é soldador. O que faz o teu pai?

Cara Jazz Bashara,

Olá. Sou o Kelvin e também tenho 9 anos. Vivo com a minha mãe e com o meu pai. Tenho três irmãs. Elas são idiotas e as duas mais velhas batem-me. Mas eu estou a ficar maior e um dia serei eu a bater-lhes. Estou só a brincar, os rapazes nunca devem bater nas raparigas.

Os quenianos falam inglês e suáli. Não temos um rei. Temos um presidente, uma Assembleia Nacional e um Senado. As pessoas crescidas votam neles e eles fazem as leis.

A minha família não tem um cão, mas temos dois gatos. Um deles só aparece cá para comer, mas o outro é muito amistoso e está sempre a dormir no sofá.

O meu pai é agente de segurança da CEQ. Trabalha no Portão 14 e assegura que só entram as pessoas que têm autorização para tal. Vivemos num alojamento que nos foi atribuído no complexo e a minha escola também fica aí. Toda a gente que trabalha para a CEQ tem direito a escola gratuita para os seus filhos. A CEQ é muito generosa e estamos todos agradecidos.

A minha mãe é dona de casa. Toma conta de todos nós, os miúdos. É uma boa mãe.

A minha comida preferida é cachorros-quentes. O que é gosma? Nunca ouvi falar nisso.

Adoro programas de televisão americanos, especialmente telenovelas. São muito excitantes, embora a minha mãe não queira que as veja. Mas aqui nós temos uma Internet boa, pelo que vejo quando ela não está a reparar. Por favor, não lhe digas. Ah! Ah! O que faz a tua mãe?

O que queres ser quando fores crescida? Eu quero fazer foguetões. Neste momento, faço maquetas de foguetões. Acabei há pouco uma maqueta de um CEQ 209-B. Fica muito bem no meu quarto. Um dia, quero fazer foguetões a sério. Os outros miúdos querem ser pilotos de foguetões, mas eu não quero fazer isso.

Tu és branca? Ouvi dizer que, em Artemis, toda a gente é branca. Aqui, no complexo, há muita gente branca. Vêm de todas as partes do mundo para trabalhar.

Caro Kelvin,

É pena não teres um cão. Espero que, um dia, venhas a fazer foguetões. A sério, e não maquetas.

Gosma é comida para pessoas pobres. São algas secas com extratos de sabores. Cultivam-nas aqui em Artemis, em cubas, porque a comida da Terra é cara. A gosma é asquerosa. Os extratos de sabores deveriam fazê-la saber bem, mas só lhe dão diferentes gostos nojentos. Tenho de comê-la todos os dias. Detesto-a.

Eu não sou branca, sou árabe. Tipo castanha-clara. Só metade das pessoas daqui é que são brancas. A minha mãe vive algures na Terra. Foi embora quando eu era bebé. Não me lembro dela.

As telenovelas são foleiras. Mas não faz mal gostares de coisas foleiras. Podemos ser amigos na mesma.

Tens um quintal em casa? Podes ir lá para fora sempre que te apetece? Eu não posso ir lá para fora até ter 16 anos, porque são essas as regras das AFV.

Um dia obterei uma credencial de AFV e irei lá para fora tanto quanto me apeteça e ninguém poderá dizer-me que não.

Construir foguetões parece-me um emprego excelente. Espero que consigas esse emprego.

Eu não quero um emprego. Quando for grande quero ser rica.

PARA VIVER NA LUA, JAZZ BASHARA FARIA QUALQUER COISA.

Bom, mais ou menos. A vida em Artemis, a primeira e, até ver, única cidade da Lua, é difícil. Só turistas ricos ou bilionários excêntricos que vivem a sua reforma dourada fora do planeta Terra é que conseguem usufruir em pleno do Mar da Tranquilidade. Um pouco de contrabando aqui e ali não é grave, certo?

É por isso que, quando surge a oportunidade de, com um grande golpe, decidir o seu futuro, Jazz não hesita. Tem apenas de conseguir o impossível, e de o fazer fora da colónia, onde não só a gravidade é seis vezes inferior à da Terra como o Sol queima e o ar não existe.

Mas isso será apenas o começo de uma série de eventos que vai pôr em causa a existência da própria colónia. Jazz era apenas uma contrabandista a tentar ganhar a vida. Será que está preparada para pôr tudo em risco para salvar o único lugar onde alguma vez se sentiu em casa?

Do mesmo autor de *O Marciano*, adaptado para cinema com Matt Damon como protagonista e nomeado para 7 Óscares da Academia, esta é mais uma aventura cheia de emoção, ciência e um mundo tão vívido e intenso que quase dispensa qualquer adaptação.

DO MESMO AUTOR:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-8917-10-2



9 789898 917102

Ficção Científica